

Parte I - Capítulos 03: ^{Sim} Palestras Conferências

DISCURSO DE ALEGRIA
1986

104

ao longo da minha "educação"

Toda vez que, ao longo de minha vida profissional, tenho experimentado situações como a em que me encontro aqui e agora, uma alegria bem comportada me toma todo. Uma alegria menina, acompanhada de uma certa sensação aparentemente contraditória de desconforto. Alegria bem comportada decorrente do SIM, mesmo relativo, que homenagens como esta significam ao que tenho procurado fazer enquanto educador. Desconforto por viver nestas oportunidades a tensão misteriosa entre a alegria que me toma e o desejo de partir.

Esta sensação de desconforto se intensifica na medida em que, entendendo não me ser possível, após receber a manifestação de apreço, simplesmente dizer muito obrigado e, esgueirando-me, deixar o recinto, não me sinto, porém, à vontade, para fazer um discurso convencional.

O caminho que venho encontrando para superar a tensão vem sendo sobretudo dizer palavras de querer bem. Palavras de bem querer com as quais, principalmente, sublinho a importância de contribuições, muitas delas anônimas, a meu trabalho prático e teórico e com as quais agradeço sinceramente a tantos e a tantas com quem me acho em dívida.

Na verdade, nada do que, faz muito, venho tentando fazer, no campo da educação, no meu país e fora dele, pode ser compreendido se quem procurar compreender não tiver sua curiosidade voltada para as condições históricas, sociais, culturais, políticas, de minha prática. O que quero dizer é que, por mais importante

seja a nota individual de minha prática, de minha busca, o que há nisso tudo de pessoal, não basta para explicar a minha prática. Minha prática se explica socialmente.

Pensando assim, desde jovem, vim me acostumando a encarar com humildade os resultados, bem como o desenvolvimento de esforços em que me tenho envolvido no campo da educação. Por isso mesmo não superestimo nem subestimo as contribuições com que, porventura, tenho concorrido para o fortalecimento de uma prática e de uma compreensão progressistas da educação.

Sempre muito crítico diante de minhas próprias buscas procuro, incessantemente, aprender enquanto ensino. Jamais dicotomizei ensinar de aprender. Sempre insisti na seriedade do ato de ensinar que demanda do professor a necessária competência em torno do conteúdo que ensina, da maneira como ensina e a clareza política sobre ^oa favor de quem e de que ensina o que ensina. Jamais pude compreender a prática educativa a não ser na complexidade que a constitui — não há prática educativa sem professor, não há prática educativa sem aluno como não há prática educativa sem conteúdos, sem métodos, sem objetivos, sem finalidades. O que tem havido, historicamente, são práticas e concepções da educação que ora privilegiam a figura do mestre, ora a do aluno, às vezes o conteúdo ou os métodos.

Quando falo em aprender ao ensinar não diminuo em nada o dever que tem o mestre de ensinar. O inegável, porém, é que, ao ensinar, aprende. Aprende da própria incerteza do educando, de sua compreensão nem sempre crítica do próprio ato de conhecer em que se acha engajado com seu professor.

No momento em que a U.N.E.S.C.O. me desafia ao homenagear-me não posso esquecer o quanto pude crescer no desempenho da atividade docente, desafiado também e aberto ao desafio de estudantes, às vezes jovens urbanos universitários de cidades várias do mundo, às vezes

trabalhadores dos campos e de fábricas citadinas de pedaços vários do mundo.

Agora, no momento em que, no meu gabinete de trabalho, em São Paulo, vou enchendo de palavras as páginas que em breve lerei, não posso evitar que minha memória quase me arranque da sala onde estou e me leve a espaços e momentos antes visitados e experimentados por mim. Momentos e espaços muitos, cheios de gentes diferentes - camponeses latino-americanos ou africanos, índios de Norte America ou de América Latina, negros de guetos norte-americanos, grupos populares chamados pela branquitude de aborígenes, na Austrália, na Nova Zelândia, nas Ilhas do Pacífico Sul, trabalhadores urbanos espanhóis, portugueses, italianos com quem me encontrei em Genève ou em Paris, nos meus tempos de exílio; estudantes universitários de América Latina, da Europa, de Norte América, da África, da Ásia. Povos lutando e libertando-se, frustrando-se também, em África, na América Central, no Caribe, na América Latina.

A muitos desses homens, dessas mulheres, desses jovens, dessas jovens, a muitos de seus espantos ao aprender comigo uma lição fundamental, a muitas de suas dúvidas, de suas ingenuidades, em muito devo. Muitas de suas dúvidas, de suas incertezas, mas também de suas certezas para mim nem sempre arrazoadas, me ajudaram a ver melhor as coisas, a conhecer melhor o que eu pensava que já sabia demasiado bem. É que tomava suas certezas e suas incertezas, suas dúvidas, seus espantos, seu fragmentário conhecimento do mundo como objetos de minha curiosidade nos momentos que a mim jamais faltaram ou faltam — aqueles em que penso a prática para aprender a pensar certo e a praticar melhor.

Verifiquei, também, no meu convívio com trabalhadores e trabalhadoras urbanos e rurais que a leitura menos ingênua do mundo não significa ainda o compromisso com a luta pela transformação do

4

mundo, muito menos a transformação mesma como parece ao pensamento idealista.

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi sobretudo que a paz é fundamental, indispensável, mas que a paz implica lutar por ela. A paz se cria, se constroi na e pela superação de realidades sociais perversas. A paz se cria, se constroi na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopisar as suas vítimas.

Pelo contrário, a educação por que me bato é a que, rigorosa, séria, substantivamente democrática ou progressista, preocupada com que os educandos aprendam, os desafia e os criticiza.

Não quero dar a impressão aos que me valem agora e aos que amanhã talvez me possam ler que escondo ou nego as marcas tantas que recebi e continuo a receber de um sem número de intelectuais, cientistas, filósofos, pedagogos, políticos de diferentes tempos e espaços. Creio não ser difícil encontrá-los e encontrá-los em meus trabalhos ora explicitadamente ora permeando minhas análises.

De uma coisa estou certo, sem muitos dos primeiros referidos e sem muitos dos segundos mencionados dificilmente estaria aqui agora. A todos o meu reconhecimento. O meu muito obrigado também a Elza, minha mulher, minha companheira, minha professora, minha aluna, avó de minhas netas e de meus netos. Sem ela, certeza bastante certa eu tenho, aqui não estaria.

Quero deixar igual e finalmente os meus agradecimentos ao júri internacional que me escolheu educador do ano de 86 para a paz, à U.N.E.S.C.O., na pessoa do seu Diretor geral Mr. Amadou Mahtar m'Bow e a todos quantos, nesta casa, tiveram qualquer participação na realização da homenagem que recebo.

Concluindo, me parece importante dizer que estou muito consciente da natureza de homenagens como a que acabo de receber. Elas não imobilizam, não paralizam, não arquivam os homenageados. Ao ressaltar o que fazem os desafiam para que continuem fazendo cada vez melhor. Estas homenagens têm uma dimensão basililar, oculta, com relação à qual os homenageados devem estar despertos. Elas são também um ato de advertência e de cobrança. Os homenageados não podem dormir em paz só porque receberam a homenagem.

Eu me sinto cobrado a continuar a merecer a homenagem de hoje.

São Paulo
Setembro - 1986

Paulo Freire